

AS FABULOSAS AVENTURAS DE



SALOMÃO

Kane



~AUTORIA~

Robert E. Howard

~TRADUÇÃO~

Luís Rodrigues, Jorge Candeias,
Rogério Ribeiro, Luís Miguel Rocha e Safaa Dib

~REVISÃO~

Rosa Vilaça

~COMPOSIÇÃO~

Saída de Emergência, em caracteres Dominican II

~DESIGN DA CAPA E INTERIORES~

www.cortereal.net

~IMPRESSÃO E ACABAMENTO~

Artes Gráficas Manuel A. Pacheco, Lda. - Lisboa

~ISBN~

972-8839-46-4

~DEPÓSITO LEGAL~

??????/06

~EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA~

Av. da República, 861, Bloco A, 5º, 2775-274 Parede

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

Reservados todos os direitos desta edição ©2006



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

A decorative border of black ink flourishes, including scrolls, leaves, and small circles, framing the title.

Índice

	.7.
As Caveiras nas Estrelas	
	.23.
A Mão Direita do Destino	
	.31.
O Chocalhar de Ossos	
	.43.
A Lua de Caveiras	
	.103.
As Colinas dos Mortos	
	.129.
Asas na Noite	
	.167.
Os Passos no Interior	
	.187.
O Regresso a Casa de Salomão Kane	





As
Caveiras
NAS ESTRELAS







*E dos assassinos que erram
De Caim sob o tormento,
Com rubra turbação no olhar
E ígneos de pensamento:
Do sangue que lhes deixou n'alma
Eterno laivo cruento.*

—HOOD

CAPÍTULO PRIMEIRO

SÃO DUAS, AS ESTRADAS que levam a Torkertown. O caminho mais curto e directo percorre uma charneca alta, e o outro, bastante mais comprido, serpenteia tortuosamente por entre os cabeços e atoleiros dos pântanos, na orla dos montes baixos para oriente. Trata-se de um carreiro perigoso e enfadonho; de modo que Salomão Kane se deteve, estupefacto, quando um rapaz esbaforido, vindo da aldeia que acabara de deixar para trás, o alcançou e lhe rogou por amor de Deus que tomasse o caminho do pântano.

— O caminho do pântano! — Kane olhou espantado para o rapaz.

Era um homem alto e magro, este Salomão Kane, de uma palidez ensombrada e olhos fundos melancólicos que o pesado traço de puritano tornava ainda mais sombrios.

— Sim, senhor, é muito mais seguro — respondeu o rapazito.

— Satanás em pessoa deve assombrar a estrada da charneca, então, que os teus compadres me avisaram para não viajar pela outra.

— É por causa dos atoleiros que podeis não ver no escuro. É melhor que volteis à aldeia e prossigais viagem de manhã, senhor.

— Pelo caminho do pântano?

— Sim, senhor.





Kane encolheu os ombros e abanou a cabeça.

— A lua irá nascer mal o sol se ponha. Se for pela charneca ao luar, estarei em Torkertown numa questão de horas.

— O senhor é melhor não ir. Ninguém vai por aí. Não há casas nenhuma na charneca, enquanto no pântano sempre há a casa do velho Ezra, que vive lá sozinho desde que o maluco do primo, o Gideon, fugiu e morreu no pântano e nunca foi encontrado; e o Ezra, apesar de avarento, não vos recusaria albergue se quisésseis descansar até de madrugada. Se tendes mesmo que ir, ide pelo caminho do pântano.

Kane lançou um olhar penetrante ao rapaz, que se mostrou atropalhado e arrastou os pés pelo chão.

— Se a charneca é tão inclemente para com os viajantes — respondeu o puritano, — para quê tanto segredo em vez de me contardes toda a história?

— As pessoas não gostam de falar disso. Tínhamos esperança que fosseis pelo caminho do pântano, como os homens aconselharam, mas quando fomos espreitar e vimos que o senhor não tinha virado na bifurcação, mandaram-me correr atrás de vós para vos pedir que mudásseis de ideias.

— Com mil diabos! — exclamou Kane bruscamente. A imprecisão pouco habitual revelava a sua irritação. — É o pântano, é a charneca: que há ali de tão ameaçador que me obrigue a fazer um desvio de quilómetros, para me arriscar pelo lodo e pela lama?

— Vede bem, senhor — disse o rapaz, baixando a voz e aproximando-se, — somos gente simples que não gosta de falar destas coisas, não advenha daí má sorte, mas a estrada da charneca é um caminho maldito, que há mais de um ano não é percorrido por pessoas do campo. Andar pelos montes à noite é a morte certa, e já boas dúzias de desgraçados a encontraram. A estrada está assombrada por uma aberração qualquer que devora todos os homens.

— E que aberração é essa?

— Ninguém sabe. Ninguém que a tivesse visto sobreviveu para contar, mas quem sai à noite ouve gargalhadas terríveis



vindas da lezíria e há quem tenha ouvido os gritos das suas vítimas. Senhor, rogo-vos por Deus, voltaí para a aldeia e passai lá a noite, para que tomeis amanhã o carreiro através do pântano.

Uma luz cintilante surgiu no fundo dos olhos melancólicos de Kane, como uma vela de feiticeira nas profundezas de um glaciár cinéreo. O sangue avivou-se. Aventura! O fascínio do risco e da batalha! O frémito de loucas e perigosas emoções! Não que Kane reconhecesse estas sensações como tal. Acreditava sinceramente dar voz a sentimentos genuínos quando afirmou:

— Estes são actos de uma potência maligna. Os senhores das trevas amaldiçoaram o campo. É preciso um homem de firmeza para defrontar Satanás e as suas forças. Por isso, irei lá eu, que tantas vezes o desafiei.

— Senhor — começou o rapaz, mas fechou a boca ao aperceber-se de que era inútil discutir. Limitou-se a acrescentar: — Os cadáveres das vítimas são pisados e desfeitos.

Deixou-se ali ficar, na encruzilhada, a suspirar de arrendimento, enquanto observou a magra figura subir o caminho na direcção da charneca.

*

Era pôr-do-sol quando Kane alcançou o cume do monte baixo que desembocava na lezíria. Enorme e vermelho de sangue, o sol afundou-se no horizonte lúgubre da charneca, parecendo atear fogo à erva viçosa; por um instante, o observador teve a impressão de contemplar um oceano de sangue. As sombras pardas deslizaram então do leste, e o fogo no poente esmoreceu, e Salomão Kane caminhou resolutamente pela noite dentro.

O carreiro encontrava-se diminuído pela falta de uso, mas ainda assim bem definido. Kane avançou depressa mas com cautela, mantendo a espada e as pistolas à mão. As estrelas apagaram-se e vendavais nocturnos sussurraram por entre a erva como espectros num pranto. A lua, seca e macilenta, subiu nos céus como uma caveira entre as estrelas.

Kane deteve-se subitamente. Algures à sua frente sou



um eco estranho e sinistro, ou algo que se assemelhava a um eco. E de novo, agora mais alto. Kane recomeçou a caminhar. Traíam-no, os sentidos? Não!

Ao longe, repicou o sussurro de uma risada medonha. E outra vez, agora mais perto. Nenhum ser humano jamais se rira assim: sem alegria, apenas ódio e aversão e um medo de arrasar a alma. Kane deteve-se. Não sentia medo, mas por um segundo quase perdera o alento. A trespassar aquelas gargalhadas assustadoras, surgiu então o som de um grito indubitavelmente humano. Kane precipitou-se para a frente, acelerando o passo. Amaldiçoou as luzes ilusórias e as sombras vacilantes que encobriam a charneca ao nascer da lua e lhe atraíam a vista. As gargalhadas persistiram, cada vez mais ruidosas, tal como os gritos. Ouviu-se então, vagamente, o rufar frenético de pés humanos. Kane lançou-se numa corrida.

Um ser humano fugia da morte naquela lezíria, perseguido só Deus sabia por que espécie de aberração. O som de passos em corrida cessou abruptamente e a gritaria tornou-se insuportável, entrecortada por sons outros, abomináveis e hediondos. O homem fora evidentemente ultrapassado, e Kane, percorrido por um arrepio, imaginou um monstruoso demônio das trevas agachado sobre a vítima, dilacerando-a.

O silêncio insondável da lezíria deu então lugar ao som de um curto e terrível rebuliço, e as passadas voltaram a ouvir-se, porém vacilantes e desiguais. A gritaria continuava, mas com um gorgolejar ofegante. O suor gelou na testa e no corpo de Kane. O medo adensava-se de uma forma intolerável.

Meu Deus, dai-me um instante de claridade! O drama aterrador encenava-se a muito curta distância, a julgar pela facilidade com que os sons chegavam aos ouvidos de Kane. Mas o infernal lusco-fusco cobria tudo de sombras inconstantes, de modo que a charneca se mostrava numa névoa de ilusões esbatidas, por entre a qual as árvores e arbustos raquíticos se assemelhavam a gigantes.

Kane deu um berro, esforçando-se por acelerar o passo. Os gritos do desconhecido transformaram-se num hediondo



guincho estridente; e, de novo, o som de contenda, e das sombras da erva alta cambaleou algo, algo que antes fora um homem, espavorido e coberto de sangue, que caiu aos pés de Kane, e se contorceu e rojou no pó, e levantou a cara desfigurada para a lua, balbuciando lamúrias, e de novo tombou, morto numa poça do seu próprio sangue.

A lua estava agora alta no céu e a luz era melhor. Kane inclinou-se sobre o cadáver, que jazia rígido e abominavelmente mutilado, e estremeceu de medo: um acontecimento raro para quem testemunhara os feitos da Inquisição Espanhola e dos caçadores de bruxas.

Um viajante qualquer, supôs. E, como se uma mão gelada lhe tivesse percorrido a espinha, apercebeu-se nessa altura de que não estava só. Levantou o olhar frio e penetrou com ele as sombras de onde o morto tinha cambaleado. Não viu nada, mas sabia — sentia — que outros olhos lhe retribuía o fito, olhos terríveis que não deste mundo. Levantou-se e puxou da pistola, expectante. O luar espalhou-se como um lago de sangue pálido sobre a charneca, e as árvores e a erva retomaram as suas devidas proporções.

As sombras dissiparam-se, e Kane pôde então ver! A princípio, julgou tratar-se apenas de uma sombra de nevoeiro, um farrapo de neblina que pairava na erva alta à sua frente. Olhou-a atentamente. Mais uma ilusão, pensou. Vaga e indistinta, a sombra começou então a ganhar forma. Dois olhos hediondos inflamaram-se: olhos que continham em si o mais puro e absoluto dos horrores, herança humana da terrível alvorada dos tempos; olhos medonhos e doentes, com uma insanidade que transcendia qualquer loucura terrena. O seu aspecto era vago e enevoado, uma imitação grotesca e enlouquecedora da figura humana; semelhante, mas ao mesmo tempo abominavelmente desigual. A erva e arbustos para lá do espectro mostravam-se nítidos através deste.

Kane sentiu o sangue latejar-lhe nas têmporas, porém permaneceu frio como o gelo. Não conseguia perceber como é que um ser tão instável como o que vacilava à sua frente podia



agredir fisicamente um homem, porém o horror vermelho a seus pés era testemunho silencioso de que o demônio podia agir com terríveis efeitos materiais.

De uma coisa Kane estava certo: não seria perseguido pela charneca desolada, nem gritaria e fugiria apenas para ser apanhado uma e outra vez. Se tivesse que morrer, morreria de pé, com as feridas no peito.

Escancarou-se então uma boca medonha e indistinta, e as gargalhadas demoníacas voltaram a chirriar, tão próximas que lhe estremeceram a alma. E no meio daquela ameaça de morte, Kane apontou cuidadosamente o seu pistolão e disparou. Em resposta ao estoiro, veio um grito frenético de raiva e de escárnio, e a criatura atirou-se a Kane como uma parede de fumo, com a sombra dos longos braços preparada para o agarrar.

Kane, deslocando-se à velocidade de um lobo esfaimado, disparou a segunda pistola com o mesmo mau resultado, desembainhou o comprido florete e lançou uma estocada ao coração do seu atacante nebuloso. A lâmina zumbiu ao atravessá-lo sem encontrar qualquer resistência, e Kane sentiu dedos gélidos prenderem-lhe os membros, e garras brutais rasgarem-lhe a roupa e a pele por debaixo.

Largou a espada, inútil, e procurou debater-se com o adversário. Era como se lutasse contra um nevoeiro flutuante, uma sombra voadora, armada de garras que mais pareciam punhais. Kane esmurrou o ar como um selvagem, e os seus braços magros e possantes, em cujo aperto já vários homens tinham morrido, apenas alcançaram e agarraram o vazio. Nada era sólido ou real, à exceção daqueles dedos simiescos, que o esfolavam com as suas garras retorcidas, e do olhar enlouquecido que lhe consumia as profundezas trêmulas da alma.

Kane tomou consciência de que se encontrava, de facto, numa situação desesperada. As suas roupas pendiam em farrapos e sangrava de uma dúzia de cortes profundos. Ainda assim, não vacilou, nem a ideia de se pôr em fuga lhe passou pela cabeça.





Nunca antes fugira de um adversário, e teria corado de vergonha se tal pensamento lhe ocorresse.

Kane já não via remédio para a situação, mas não o assustava pensar que o seu corpo acabaria ali caído, ao lado dos pedaços da outra vítima. Desejava apenas dar boa conta de si mesmo antes do fim e, se possível, infligir algum dano ao seu adversário impossível.

Ali, sobre o cadáver retalhado do homem morto, defrontou demônio à pálida luz da lua, com todas as vantagens para o demônio, salvo uma. E essa era suficiente para compensar todas as outras. Pois se o ódio abstracto podia conferir substância material a um ser fantasmagórico, porque não podia a coragem, igualmente abstracta, formar uma arma concreta para combater esse fantasma?

Kane lutou com armas, pés e mãos, consciente por fim de que o fantasma começava a retroceder, que o riso temível se tinha transformado em gritos de fúria estupefacta. Pois a única arma do homem é a coragem que não hesita, nem mesmo diante das portas do Inferno, e contra a qual nem sequer as legiões do demônio se podem interpor.

Kane ignorava tudo isto; sabia apenas que as garras que lhe laceravam a carne pareciam enfraquecer e vacilar, que uma luz desenfreada se acendia naqueles olhos horríveis. Tonto e ofegante, lançou-se sobre o demônio, agarrou-o finalmente, e atirou-o ao ar; e enquanto reboavam pela charneca, e o espectro se contorcia e lhe envolvia os membros como uma serpente de fumo, os cabelos de Kane eriçaram-se e uma sensação de formiguelo percorreu-lhe a pele, pois começava a perceber a alargada do monstro.

Não a ouvia nem compreendia como alguém que ouve e compreende a fala de um homem, mas os segredos assustadores que lhe eram comunicados, em lamentos e sussurros e silêncios gritantes, cravaram-lhe dedos de gelo e fogo na alma, e desta forma ficou a saber.



CAPÍTULO SEGUNDO

A CABANA DO VELHO EZRA avarento erguia-se no meio do pântano, junto ao carreiro, parcialmente encoberta pelas árvores melancólicas que cresciam em redor. As paredes estavam podres, o tecto ameaçava desabar, e grandes monstros fungosos, pálidos e verdes, cresciam por toda a parte e enrolavam-se em volta das portas e das janelas, como que à espreita. As árvores, com os seus ramos cinzentos entrelaçados, inclinavam-se sobre a habitação, fazendo-a parecer um anão monstruoso agachado na sombra de uma multidão de ogres perversos.

O carreiro que serpenteava pelo pântano, por entre tocos podres, cabeços repugnantes e charcos espumosos infestados de cobras, vagueava para lá da cabana. Muitos passavam por ali hoje em dia, mas poucos viam o velho Ezra, salvo um vislumbre de uma cara amarelada, qual cogumelo disforme, a espreitar das janelas cobertas de fungos.

O velho Ezra avarento possuía muitas das características do pântano, uma vez que o próprio era rugoso, arqueado e taciturno; os seus dedos pareciam trepadeiras parasitas e as madeixas caíam como musgo sobre os olhos habituados ao escuro dos pântanos. Estes olhos eram como os de um morto, embora sugerissem profundezas abissais e repugnantes, comparáveis apenas às dos lagos inertes dos pântanos.

Olhos que brilhavam agora para o homem parado de frente da cabana. O homem era alto, magro e moreno, de faces macilentas e arranhadas, e com faixas nos braços e nas pernas. Um pouco mais atrás, encontrava-se um grupo de aldeões.

— Sois Ezra do caminho do pântano?

— Sou, que quer vossemecê?

— Onde está vosso primo Gideon, o jovem louco que reside convosco?

— Gideon?

— Sim.

— Fugiu para o pântano e nunca mais voltou. De certeza



que se perdeu e foi atacado por lobos, ou morreu num atoleiro, ou foi picado por uma víbora.

— Há quanto tempo?

— Há mais de um ano.

— Sim. Escutai, ó Ezra avaro. Pouco após o desaparecimento do vosso primo, um homem do campo, retornando a casa pela charneca, foi assaltado por um demônio desconhecido que o fez em pedaços. Desde então, percorrer aquela charneca passou a significar morte certa. Primeiro foram os homens do campo, e depois os estranhos que erravam pela lezíria, a cair nas garras do monstro. Muitos têm morrido desde então.

— Ontem à noite, atravessava eu a charneca, quando ouvi mais uma vítima em fuga, um estranho ignorante do mal que assombra aquele lugar. O Ezra avaro, foi uma coisa medonha, pois o pobre diabo, ferido de morte, escapou duas vezes ao monstro e, de cada vez, o demônio apanhou-o e atirou-o novamente ao chão. Até que, por fim, caiu morto a meus pés, abatido com uma crueldade capaz de gelar a estátua dum santo.

Os aldeões agitaram-se e trocaram murmúrios receosos, enquanto o velho Ezra lançou olhares furtivos em redor. No entanto, a expressão sombria de Salomão Kane não se alterou, e o seu olhar de condor pareceu trespassar o avaro.

— Sim, sim! — resmungou apressadamente o velho Ezra.

— Uma coisa terrível, uma coisa terrível! Mas porque ma contais?

— Sim, é triste. Mas continuei a ouvir, Ezra. O demônio lançou-se das sombras e eu defrontei-o, por cima do cadáver da vítima. É verdade que não faço ideia de como o venci, já que a batalha foi árdua e demorada, mas as forças do bem e da luz estavam do meu lado, e estas são mais poderosas do que as forças do Inferno.

— Finalmente derrotado, o demônio afastou-se de mim e fugiu, ao que o segui, em vão. Porém, antes de escapar, sussurrou-me a terrível das verdades.

O velho Ezra sobressaltou-se, com um olhar assustado, e pareceu encolher.



— Mas porque me contais isto? — resmungou.

— Regressei à aldeia e contei a minha história — disse Kane, — pois sabia ter agora o poder de livrar a lezíria da sua maldição para todo o sempre. Ezra, vinde connosco!

— Onde? — perguntou o avaro, em sobressalto.

— Ao carvalho apodrecido na charneca.

Ezra cambaleou como se tivesse levado uma pancada; deu um berro incoerente e virou-se para fugir.

Nesse mesmo instante, Kane gritou uma ordem, e dois aldeões corpulentos precipitaram-se da multidão para agarrar o avaro. Arrancaram-lhe o punhal da mão atrofiada e manieteram-lhe os braços, arrepiando-se quando os seus dedos se encontraram com a pele pegajosa do velho.

Kane deu indicação para que o seguissem e, dando meia volta, subiu o carreiro, seguido pelos aldeões, que se viram em apuros para arrastar o prisioneiro consigo. E assim atravessaram o pântano, tomando um caminho pouco utilizado, que conduzia por cima dos pequenos montes até à lezíria.

O sol deslizava pelo horizonte abaixo e o velho Ezra observou-o intensamente, de olhos esbugalhados, como se não pudesse ver o suficiente. Ao longe, na lezíria, erguia-se o enorme carvalho, como uma força, agora não mais do que uma casca apodrecida. Salomão Kane deteve-se aí.

O velho Ezra contorceu-se nas mãos dos seus captores e fez ruídos indistintos.

— Há um ano, — disse Salomão Kane, — vós, temendo que o vosso primo louco Gideon contasse aos homens das vossas crueldades para com ele, levaste-o do pântano pelo mesmo caminho que hoje percorremos, e assassinaste-o aqui durante a noite.

Ezra encolheu-se e rosnou.

— Não podeis provar tal mentira!

Kane trocou algumas palavras com um aldeão mais ágil. O jovem trepou o tronco apodrecido da árvore e, de uma fenda lá no alto, puxou algo que caiu com grande estrépito aos pés do avaro. Ezra deixou-se cair com um guincho terrível.





O objecto era o esqueleto de um homem com a caveira rachada.

— Vós... como podíeis vós saber? Sois Satanás! — gaguejou o velho Ezra.

Kane cruzou os braços.

— O ser que combati ontem à noite contou-me tudo enquanto nos digladiávamos, e eu segui-o até esta árvore. Isto porque o demónio é o fantasma de Gideon.

Ezra voltou a guinchar e debateu-se desenfreadamente.

— Vós sabíeis, — continuou Kane, melancólico, — sabíeis quem cometia estes actos. Receáveis o fantasma do louco furioso, e por isso decidistes deixar o seu cadáver na charneca em vez de o esconder no pântano. Pois sabíeis que o fantasma assombraria o lugar da sua morte. Um louco em vida, foi, em morte, incapaz de encontrar o seu assassino; caso contrário teria visitado a vossa cabana. Gideon não odeia mais ninguém excepto vós, porém o seu espírito confuso não distingue um homem de outro, e por isso mata-os todos, não vá o seu assassino escapar. Todavia, irá reconhecer-vos, e poderá descansar em paz para todo o sempre. O ódio fez do seu fantasma um objecto sólido, capaz de lacerar e matar, e ainda que vos tenha temido em vida, agora não sente qualquer medo.

Kane parou. Lançou um olhar rápido na direcção do sol.

— Sei de tudo isto pelo fantasma de Gideon, através dos seus lamentos e sussurros e silêncios gritantes. Nada, a não ser a vossa morte, trará paz a este fantasma.

Num silêncio ofegante, Ezra ouviu Kane proferir as palavras da sua perdição.

— É deveras complicado — continuou Kane, melancólico, — condenar um homem à morte, a sangue frio e da maneira que tenho pensada, mas tereis que morrer para que outros vivam, e Deus sabe que mereceis a morte.

— Não será pela força, nem pela bala, nem pela espada, mas pelas garras daquele que matastes, pois nada mais o saciará.

Com estas palavras, a mente de Ezra perdeu o equilíbrio,



os joelhos cederam e o velho caiu de rastos, a gritar pela morte, a implorar para que o condenassem à fogueira, para que o esfolassem vivo. O rosto de Kane permaneceu rígido como a morte, e os aldeões, cujo medo lhes alimentava a crueldade, amarraram o desgraçado aos gritos ao carvalho. Um deles propôs-lhe que se reconciliasse com Deus. Mas Ezra não respondeu, continuando a guinchar com uma monotonia insuportável. O aldeão teria espancado o avaro, não fosse Kane tê-lo detido.

— Deixai-o reconciliar-se com o Diabo, que é quem ele irá encontrar — respondeu o puritano num tom severo. — O pôr-do-sol está aí. Folguem as cordas para que ele se possa soltar durante a noite, antes que morra em liberdade do que amarrado como num sacrifício.

Mal lhe viraram as costas, o velho Ezra resmungou numa algaraviada de sons desumanos e depois ficou mudo, observando o sol com uma intensidade terrível.

A multidão afastou-se pela charneca, e Kane lançou um derradeiro olhar à figura grotesca amarrada à árvore, mais se parecendo, à luz incerta, com um fungo enorme a crescer do tronco. E, de súbito, o avaro soltou um grito hediondo:

— A Morte! A Morte! Há caveiras nas estrelas!

— Apesar de retorcido, grosseiro e maldoso, teve uma boa vida — suspirou Kane. — Quiçá Deus reserve um lugar para almas destas, onde o fogo e o sacrifício as limpem das escórias, da mesma maneira que o fogo limpa a floresta dos fungos. Todavia, pesa-me o coração.

— Mas, senhor — falou um dos aldeões. — Não mais fizestes que a vontade de Deus, e só o bem advirá do acto desta noite.

— Não — respondeu Kane, pesaroso. — Não sei, não sei.

*

O sol tinha-se posto e a noite espalhará-se com uma velocidade assombrosa, como se grandes sombras se tivessem lançado de va-



zios desconhecidos para envolver o mundo na confusão das trevas. Da noite densa veio um estranho eco, e os homens pararam para olhar para trás, para o sítio de onde vieram.

Não se podia ver nada. A lezíria era um oceano de sombras e a erva alta em redor curvava-se em grandes ondas na aragem, quebrando o silêncio de morte com murmúrios ofegantes.

A lua elevou-se então, ao longe, sobre a charneca e, por um instante, recortou-se no seu disco vermelho uma silhueta sinistra. Uma figura cruzou a face da lua: arqueada e grotesca, com pés que mal pareciam tocar o chão; e, logo atrás, uma sombra esvoaçante: uma abominação sem forma nem nome.

As duas formas aceleradas sobressaíram contra a lua por um instante; e logo se fundiram numa massa sem forma nem nome, para de imediato desaparecerem nas sombras.

E ao longe, na lezíria, ecoou o grito de uma única e terrível gargalhada.



Mão
DIREITA DO DESTINO







— E ELE MORRE DE MADRUGADA! Ho! Ho!

O homem que falou deu uma sonora palmada na coxa e riu com uma voz aguda e irritante. Lançou uma olhadela gabarola aos seus ouvintes e bebeu um gole do vinho que tinha junto ao cotovelo. O fogo saltou e tremeluziu na lareira da taberna e ninguém lhe respondeu.

— Roger Simeon, o necromante! — escarneceu a voz irritante. — Um negociante nas artes diabólicas e um fazedor de magia negra! Pois bem, todo o seu sujo poder foi incapaz de salvá-lo quando os soldados do rei lhe cercaram a caverna e o levaram prisioneiro. Fugiu quando o povo começou a atirar calhaus às suas janelas e tentou esconder-se e escapar-se para França. Ho! Ho! A sua fuga estará na ponta de uma corda. Um bom dia de trabalho, digo eu!

Atirou para cima da mesa um pequeno saco que retiniu musicalmente.

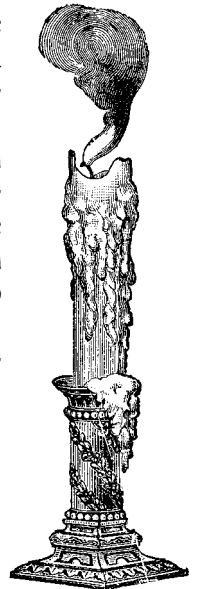
— O preço da vida de um mágico! — vangloriou-se. — Que dizeis, meu amargo amigo?

Esta pergunta foi dirigida a um homem alto e silencioso, sentado perto do fogo. Este, descarnado, poderoso e trajado de escuro, virou a sua face lívida e sombria para o homem que falava e fixou-o com um par de olhos profundos e gelados.

— Digo — disse, numa voz grave e poderosa — que hoje haveis feito um acto miserável. O vosso necromante talvez fosse digno de morte, mas confiava em vós, considerando-vos o seu único amigo, e traíste-lo por um punhado de moedas sujas. Tenho para mim que o encontrareis no Inferno, um dia.

O primeiro a falar, um homem baixo, entroncado e com maldade no rosto, abriu a boca como se fosse lançar uma resposta zangada, mas hesitou. Os olhos de gelo do outro fixaram-se nos seus por um instante, e depois o homem alto ergueu-se com um movimento fluido de gato e saiu da sala com um andar largo e flexível.

— Quem é aquele? — perguntou o gabarola com ressen-





timento. — Quem é ele para defender mágicos contra homens honestos? Por Deus, ele tem sorte em trocar palavras com John Redly e continuar com o coração vivo no peito!

O taberneiro inclinou-se para a frente a fim de obter uma brasa para o seu cachimbo de haste longa e respondeu, secamente:

— E tu tens tam'ém sorte, John, porque ficaste com essa boca fechada. Aquele é Salomão Kane, o Puritano, um home' mais perigoso que um lobo.

Redly soltou um resmungo, murmurou uma praga e devolveu, carrancudo, o saco de dinheiro ao cinto.

— Ficas cá, 'sta noite?

— Fico — respondeu Redly, sombriamente. — Queria ficar para ver Simeon ser enforcado amanhã em Torkertown, mas tenho de sair para Londres de madrugada.

O taberneiro encheu as taças.

— Esta é p'la alma de Simeon, Deus tenha piedade do patife, e que ele falhe na vingança que jurou contra ti.

John Redly sobressaltou-se, largou um palavrão e depois riu com temerária fanfarronice. O riso ergueu-se, vazio, e quebrou-se numa nota falsa.

*

Salomão Kane acordou de repente e sentou-se na cama. Tinha o sono leve, como qualquer homem que tenha o hábito de carregar a vida nas mãos. Algures na casa soara um ruído que o despertara. Escutou. Lá fora, pelo que distinguia através dos postigos, o mundo clareava com as primeiras cores da aurora.

Subitamente, o som reapareceu, baixo. Era como se um gato usasse as garras para subir a parede, lá fora. Kane escutou, e então chegou-lhe um som que sugeria que alguém estava a esgravatar nas portadas. O Puritano ergueu-se e, de espada na mão, atravessou rapidamente o quarto e abriu-as com violência. O mundo que viu dormia. Uma lua tardia pairava sobre o horizonte ocidental. Nenhum saqueador se escondia junto da sua



janela. Inclinou-se para fora, perscrutando a janela do aposento ao lado do seu. As portadas estavam abertas.

Kane fechou as suas portadas e atravessou o quarto em direcção da porta, saindo depois para o corredor. Agia por impulso, como era seu hábito. Viviam-se tempos selvagens. Esta taberna ficava a algumas milhas da vila mais próxima — Torkertown. Os bandidos eram comuns. Algo ou alguém entrara no quarto ao lado do seu, e quem lá dormia podia estar em perigo. Kane não parou para pesar os prós e os contras: foi directamente até à porta do outro quarto e abriu-a.

A janela estava escancarada e a luz que dela jorrava iluminava o aposento, mas no entanto fazia com que ele parecesse mergulhado numa névoa fantasmagórica. Um homem baixo com traços maldosos ressonava na cama, e nele Kane reconheceu John Redly, o homem que traíra o necromante aos soldados.

Então, o seu olhar foi atraído para a janela. No parapeito agachava-se o que parecia ser uma gigantesca aranha que, sob os olhos de Kane, se deixou cair para o chão e começou a arrastar-se em direcção à cama. A coisa era larga, peluda e escura, e Kane notou que ela deixara uma mancha no parapeito da janela. Movia-se sobre cinco pernas espessas e curiosamente articuladas e tinha em geral uma aparência tão estranha que Kane ficou enfeitiçado a olhá-la. A coisa atingira a cama de Redly e trepava pela cabeceira de uma forma estranha e desajeitada.

Agora, agarrava-se à cabeceira da cama directamente por cima do homem adormecido, e Kane saltou em frente com um grito de aviso. Nesse instante, Redly acordou e olhou para cima. Os seus olhos flamejaram, muito abertos, um terrível grito rompeu entre os seus lábios e, ao mesmo tempo, a coisa deixou-se cair em cheio sobre o seu pescoço. No preciso momento em que Kane atingiu a cama viu as pernas de John Redly esticarem-se e ouviu os ossos do pescoço do homem a estilhaçarem-se. Depois, ficou hirto e imóvel, a cabeça grotescamente dobrada, de pescoço partido. E a coisa caiu de cima dele e aterrou, flácida, na cama.

Kane debruçou-se sobre o sinistro espectáculo, com di-



ficuldade em acreditar nos seus olhos. Pois a coisa que abrira as portadas, rastejara pelo chão e assassinara John Redly na sua cama era uma mão humana!

Agora jazia flácida e sem vida. Kane atravessou-a cuidadosamente com a ponta do florete e levantou-a à altura dos olhos. Aparentemente, a mão pertencia a um homem gigantesco, pois era larga e espessa com dedos pesados e quase coberta por um tapete emaranhado de pêlos semelhantes aos de um macaco. Fora cortada pelo pulso, e a ferida estava fechada por sangue coagulado. Via-se um estreito anel de prata no segundo dedo, um ornamento curioso, com a forma de uma serpente enrolada.

Kane ficou a olhar para a hedionda relíquia até que o taberneiro entrou, enrolado na sua camisa de dormir, de vela numa mão e bacamarte na outra.

— Que é isto? — rugiu quando os seus olhos deram com o cadáver na cama.

E então viu o que Kane trazia espetado na ponta da espada e a sua face fez-se branca. Como se arrastado por um impulso irresistível, aproximou-se — e os seus olhos saíram das órbitas. Depois recuou, cambaleando, e afundou-se numa cadeira, tão pálido que Kane pensou que ele ia desfalecer.

— Nome de Deus, senhor — arquejou. — Que essa coisa não viva! Há um fogo aceso na taberna, senhor!

*

Kane chegou a Torkertown antes do declinar da manhã. Nos arredores da aldeia, encontrou um jovem falador que o saudou.

— Senhor, como todos os homens honestos, tereis prazer em saber que Roger Simeon, o mago negro, foi enforcado esta madrugada, justamente ao nascer do sol.

— E foi a sua morte viril? — perguntou Kane sombriamente.

— Foi sim, senhor. Ele não vacilou, mas que estranho acto aquele foi. Vede bem, senhor: Roger Simeon subiu ao patíbulo com dois braços mas uma só mão.



— E como veio isso a acontecer?

— Ontem à noite, senhor, estava ele sentado na cela como uma grande aranha negra, chamou um dos guardas e, pedindo um último favor, disse ao soldado para lhe cortar a mão direita! O homem, a princípio, não queria fazê-lo, mas temeu a maldição de Roger e, por fim, ergueu a espada e decepou a mão pelo pulso. Então, Simeon, com a mão esquerda, atirou a outra para longe através das barras da janela da sua cela, pronunciando muitas palavras mágicas, estranhas e impuras. Os guardas sofriam intenso temor, mas Roger prometeu não lhes fazer mal, dizendo que odiava apenas John Redly, que o traíra.

“Ligou o toco do braço para parar o sangramento e todo o resto da noite manteve-se sentado como um homem em transe, e por vezes murmurava para si como um homem que, sem se dar conta, fala sozinho. Sussurrava “Para a direita” e “Aguenta, para a esquerda!” e “Em frente, em frente!”

“Oh, senhor, dizem que era terrível ouvi-lo e vê-lo inclinado sobre o sangrento toco do braço! Quando a madrugada se pôs cinzenta, eles vieram buscá-lo e levaram-no para o cadafalso, e no momento em que lhe passaram o laço pelo pescoço, subitamente contorceu-se e endireitou-se, como se devido a um esforço, e os músculos no seu braço direito, aquele a que faltava a mão, intumesceram-se e rangeram como se estivesse a quebrar o pescoço de algum mortal!”

“Então, quando os guardas já saltavam para agarrá-lo, ele parou e começou a rir. E o seu riso rugiu, terrível e hediondo, até que a corda o quebrou e ele pendeu, negro e silencioso contra o olho vermelho do sol nascente.”

Salomão Kane ficou em silêncio, pensando no terror que deformara as feições de John Redly nesse último e fugaz momento de despertar e de vida, antes de ser atingido pelo destino. E uma imagem indistinta surgiu-lhe na mente — a de uma mão cortada e peluda, rastejando sobre os dedos como uma grande aranha, cegamente, através das escuras florestas nocturnas, para escalar uma parede e abrir desajeitadamente um par de persianas de um quarto de dormir. Aqui, a sua visão parou, recuando



perante a continuação daquele drama negro e sangrento. Que terríveis chamas de ódio tinham inflamado a alma do necromante condenado e que hediondos poderes tinham sido os seus para enviar assim aquela mão sangrenta às apalpadelas, na sua missão, guiada pela magia e vontade daquele cérebro ardente!

No entanto, para certificar-se, Salomão perguntou:

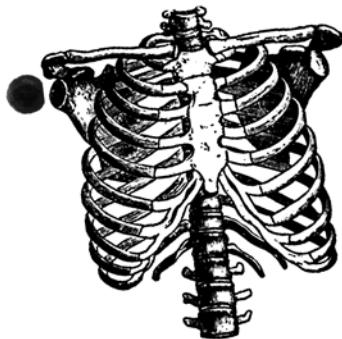
— E a mão, foi encontrada?

— Não, senhor. Os homens encontraram o local onde caiu depois de ser atirada da cela, mas a mão não estava lá, e um rasto de sangue levava à floresta. Sem dúvida, foi devorada por um lobo.

— Sem dúvida — respondeu Salomão Kane. — E eram as mãos de Simeon grandes e peludas, com um anel no segundo dedo da mão direita?

— Sim, senhor. Um anel de prata, enrolado como uma serpente.

O
Chocalhar
DE OSSOS







— Ó DA CASA! — O grito quebrou o silêncio e reverberou através da negra floresta produzindo ecos sinistros.

— Tenho para mim que este lugar tem um aspecto ameaçador.

Dois homens estavam em frente da estalagem da floresta. O edifício era baixo, longo e irregular, feito de troncos pesados. As suas janelas pequenas tinham barras grossas e a porta estava fechada. Por cima da porta, entrevia-se o agoirento símbolo da estalagem: um crânio fendido.

A porta abriu-se lentamente e uma face barbada espreitou para fora. O dono daquele rosto deu um passo para trás e gesticulou para que os hóspedes entrassem; um gesto de má vontade, pareceu-lhes. Uma vela brilhava sobre uma mesa; uma chama fumegava na lareira.

— Os vossos nomes?

— Salomão Kane — disse o homem mais alto com brevidade.

— Gaston l'Armon — disse o outro, concisamente. — Mas qual o vosso interesse nisso?

— Há poucos estranhos na Floresta Negra — grunhiu o estalajadeiro — e muitos bandidos. Sentai-vos naquela mesa, que vos trarei comida.

Os dois homens sentaram-se, com o porte de quem viajou longe. Um era um homem alto e sem carnes, com um chapéu sem penas na cabeça e tristes vestes negras que realçavam a palidez sombria do seu rosto. O outro pertencia a um tipo inteiramente diverso, adornado com laços e plumas, embora esses ornamentos estivessem algo manchados da viagem. Era bem parecido de um modo vigoroso, e os olhos inquietos saltitavam por todos os lados sem pararem por um instante.

O estalajadeiro trouxe vinho e alimentos para a mesa toscamente talhada e depois recuou para a escuridão, ficando de pé como um retrato sombrio. Os seus traços, ora retrocedendo para a imprecisão das sombras, ora gravados lugubramente



a fogo quando as chamas na lareira saltavam e estremeciam, eram mascarados por uma barba que parecia quase animal na sua espessura. Sobre esta barba, curvava-se um grande nariz, e dois pequenos olhos vermelhos fixavam-se sem piscar nos seus hóspedes.

— Quem sois vós? — perguntou de súbito o homem mais novo.

— Sou o dono da Estalagem do Crânio Fendido — respondeu o outro, soturnamente. O tom que usou parecia desafiar o seu questionador a prosseguir as perguntas.

— Tendes muitos hóspedes? — continuou l'Armon.

— Poucos vêm duas vezes — grunhiu o estalajadeiro. Kane sobressaltou-se e olhou directamente para os pequenos olhos vermelhos do homem, como se procurasse neles algum significado que as palavras não revelassem. Os olhos chamejantes pareceram dilatar-se, e depois baixaram, soturnos, perante o olhar frio do inglês.

— Vou para a cama — disse Kane abruptamente, pondo fim na refeição. — Devo retomar a viagem antes do nascer do sol.

— Eu também — acrescentou o francês. — Estalajadeiro, mostrai-nos os nossos quartos.

Sombras negras oscilaram nas paredes enquanto os dois homens seguiam o seu silencioso anfitrião ao longo de um átrio comprido e escuro. O corpo entroncado e amplo do guia parecia crescer e expandir-se à luz da pequena vela que transportava, lançando atrás de si uma sombra longa e ameaçadora.

Parou em frente de uma certa porta, indicando que eles iriam dormir ali. Entraram; o estalajadeiro acendeu uma vela com a que trouxera, e depois afastou-se, balançando, por onde viera.

No quarto, os dois homens olharam brevemente um para o outro. A única mobília do aposento era composta por um par de tarimbas, uma ou duas cadeiras e uma mesa pesada.

— Vejamos se existe algum modo de segurar a porta — disse Kane. — Não me agrada a aparência do estalajadeiro.



— Há encaixes na porta e na soleira para um ferrolho — disse Gaston. — Mas não há ferrolho.

— Podíamos quebrar a mesa e usar as peças como ferrolho — devaneou Kane.

— Mon Dieu — disse l'Armon — estais receoso, m'sieu.

Kane franziu o sobrolho.

— Não aprecio ser assassinado enquanto durmo — respondeu com brusquidão.

— Por minha fê! — riu o francês. — Encontrámo-nos por acaso; até eu vos ter alcançado na estrada da floresta nunca nos tínhamos visto.

— Julgo haver-vos visto antes em algum lugar — disse Kane — embora não seja agora capaz de recordar onde. Quanto ao outro, assumo que todos os homens são honestos até que me mostrem patifarias; além do mais, tenho o sono leve e durmo com uma pistola à mão.

O francês riu-se de novo.

— Perguntava a mim próprio como o m'sieu iria conseguir dormir no mesmo quarto de um estranho! Ha! Ha! Está bem, m'sieu inglês, adiante, procuremos um ferrolho num dos outros quartos.

Levando a vela consigo, saíram para o corredor. Reinava o máximo silêncio, e a pequena vela cintilava, vermelha e maligna, na escuridão espessa.

— O nosso anfitrião não tem hóspedes nem servos — murmurou Salomão Kane. — Estranho albergue, este! Qual é mesmo o nome? Estas palavras estranhas não me lembram com facilidade; o Crânio Fendido? Um nome deveras sangrento!

Experimentaram os quartos ao lado do seu, mas a busca não foi recompensada com nenhum ferrolho. Por fim, chegaram ao último quarto no fim do corredor. Entraram. Estava mobilado como os outros, mas a porta estava provida de uma pequena abertura com barras e trancada pelo lado de fora com uma pesada lingueta, presa de um dos lados à soleira da porta. Ergueram a lingueta e olharam para dentro.



— Devia haver uma janela exterior, mas não há — murmurou Kane. — Vede!

O chão estava manchado de escuro. As paredes e a única tarimba tinham sinais de golpes e grandes lascas tinham-lhes sido arrancadas.

— Homens morreram aqui — disse Kane sombriamente.

— Aquilo ali preso à parede não é um ferrolho?

— É, mas está bem seguro — disse o francês, puxando-o com força. — O...

Uma secção da parede rodou para trás e Gaston soltou uma breve exclamação. Uma pequena sala secreta foi revelada, e os dois homens inclinaram-se sobre o objecto macabra que jazia no chão.

— O esqueleto de um homem! — disse Gaston. — E observai como a sua perna ossuda está agrilhoada ao soalho! Ele foi aqui feito prisioneiro e sucumbiu.

— Não — disse Kane — o crânio está fendido; parece que o estalajadeiro teve um motivo cruel para o nome da sua estalagem. Este homem, como nós, foi sem dúvida um viajante que caiu nas mãos daquele demónio.

— É possível — disse Gaston sem interesse; tentava afastar o grande anel de ferro dos ossos da perna do esqueleto. Como falhasse, tomou a espada e, numa notável exibição de força, cortou a corrente que unia o anel da perna a outro anel profundamente cravado ao chão de madeira.

— Por que motivo agrilhoaria ele um esqueleto ao chão? — perguntou o francês a si próprio. — Monbleu! É um desperdício de boas correntes. Bem, m'sieu — disse com ironia para a branca pilha de ossos — libertei-vos e podeis ir para onde vos aprouver!

— Parai! — a voz de Kane era profunda. — Não virá nenhum bem de troçar dos mortos.

— Os mortos deviam defender-se — riu d'Armon. — Eu arranjarei algum modo de acabar com o homem que me mate, mesmo que o meu cadáver tenha de subir quarenta braças de oceano para fazê-lo.



Kane virou-se para a porta exterior, fechando atrás de si a porta do aposento secreto. Não gostava desta conversa com laivos de bruxaria e feitiçaria; e tinha pressa de confrontar o estalajadeiro com a acusação das suas culpas.

Quando se virou, voltando as costas ao francês, sentiu o toque de aço frio contra o pescoço e compreendeu que a boca de uma pistola estava encostada a um ponto situado pouco abaixo da base do seu cérebro.

— Estai quieto, m'sieu! — A voz era baixa e sedosa. — Estai quieto, ou eu espalharei os vossos poucos miolos por todo o quarto.

O Puritano, intimamente enraivecido, permaneceu quieto, com as mãos no ar, enquanto l'Armon retirava as suas pistolas e espada das respectivas bainhas.

— Agora já podeis virar-vos — disse Gaston, dando um passo para trás.

Kane dirigiu um olhar ameaçador ao janota, que descobria a cabeça e segurava numa mão o chapéu e com a outra lhe apontava a sua longa pistola.

— Gaston, o Carniceiro! — disse o inglês sombriamente. — Que tolo fui por confiar num francês! Andais por longe, assassino! Lembro-me de vós, agora que tirastes esse maldito chapéu; vi-vos em Calais há alguns anos.

— Com efeito... e agora nunca mais me vereis. Que foi aquilo?

— Ratazanas explorando o vosso esqueleto — disse Kane, vigiando o bandido como um falcão, à espera da primeira hesitação da boca negra daquela arma. — O som foi de ossos a chocalhar.

— Tanto me basta — retorquiu o outro. — Ora bem, m'sieu Kane, sei que transportais convosco uma quantidade considerável de dinheiro. Tinha pensado esperar até que adormecêsseis para vos matar de seguida, mas a oportunidade apresentou-se e eu resolvi aproveitá-la. Sois fáceis de enganar.

— Não pensei que devesse temer um homem com o qual



tinha partilhado pão — disse Kane, um timbre profundo de lenta fúria soando-lhe na voz.

O bandido riu cinicamente. Os seus olhos estreitaram-se ao mesmo tempo que começou a recuar lentamente em direcção à porta exterior. Os tendões de Kane puseram-se involuntariamente tensos, e ele acumulou forças como um lobo gigantesco prestes a lançar-se num salto de morte, mas a mão de Gaston era firme como uma rocha e a pistola nunca estremeceu.

— Não haverá mergulhos de morte depois do tiro — disse Gaston. — Parai, m'sieu; já vi homens serem mortos por moribundos e desejo pôr suficiente distância entre nós para excluir essa possibilidade. Por minha fê... eu dispararei, vós rugireis e atacareis, mas morrereis antes de me atingirdes com as vossas mãos vazias. E o estalajadeiro terá outro esqueleto no seu nicho secreto. Isto é, se eu não resolver matá-lo também. O tolo não me conhece, nem eu a ele, e além disso...

O francês estava agora à soleira da porta, e olhava para Kane ao longo do cano da pistola. A vela, que fora enfiada num nicho na parede, fornecia uma estranha luz tremeluzente que não ia além da porta. E com a qualidade súbita da morte, da escuridão por trás das costas de Gaston ergueu-se uma forma vaga e larga e uma lâmina reluzente precipitou-se para baixo. O francês caiu sobre os joelhos como um touro acabado de matar, com os miolos a escorrer do seu crânio fendido. Por cima dele erguia-se a figura do estalajadeiro, um espectáculo selvagem e terrível, ainda segurando o gancho com que assassinara o bandido.

— Ho! ho! — rugiu. — Para trás!

Kane saltara em frente quando Gaston caíra, mas o estalajadeiro apontara-lhe à cara uma longa pistola que trazia na mão esquerda.

— Para trás! — repetiu num rugido de tigre, e Kane afastou-se da arma ameaçadora e da insanidade patente nos olhos vermelhos.

O inglês ficou em silêncio, com a carne coberta de formigueiros, ao sentir uma ameaça mais profunda e hedionda que



a que o francês constituíra. Havia algo de inumano neste homem, que agora oscilava de um lado para o outro como um grande animal da floresta, enquanto as suas gargalhadas vazias de alegria ressoavam de novo.

— Gaston, o Carniceiro! — gritou, pontapeando o cadáver caído a seus pés. — Ho! ho! O meu belo saltador não voltará a caçar! Tinha ouvido falar deste tolo, que deambulava pela Floresta Negra; ele desejava ouro e encontrou a morte! O vosso ouro será agora meu; e mais do que o ouro: a vingança!

— Não sou vosso inimigo — disse Kane calmamente.

— Todos os homens são meus inimigos! Vede: as marcas nos meus pulsos! Olhai para as marcas nos meus tornozelos! E no fundo das minhas costas o beijo do látigo! E no fundo do meu cérebro, as feridas causadas pelos anos passados em celas frias e silenciosas, como punição por um crime que não cometi! — A voz quebrou-se num grotesco e hediondo soluço.

Kane não respondeu. Este homem não era o primeiro que vira com o cérebro despedaçado pelos horrores das terríveis prisões continentais.

— Mas eu fugi! — o grito ergueu-se, triunfante — E aqui faço guerra a todos os homens... Que foi aquilo?

Teria Kane visto um clarão de medo naqueles terríveis olhos?

— O feiticeiro chocalha os seus ossos! — sussurrou o estalajadeiro, e depois riu selvaticamente. — Ao morrer, jurou que os seus ossos iriam tecer uma teia de morte para mim. Agri-lhoei o seu cadáver ao chão, e agora, nas profundezas da noite, ouço o seu esqueleto descarnado ressoar e chocalhar enquanto tenta libertar-se, e eu rio, rio! Ho! ho! Como ele anseia erguer-se e avançar furtivamente por estes corredores escuros, como a velha Rainha Morte, para me roubar a vida enquanto durmo na minha cama!

Subitamente, os loucos olhos brilharam horrivelmente:

— Estivestes no compartimento secreto, vós e este estúpido morto! Ele falou convosco?



Kane estremeceu involuntariamente. Seria loucura, ou estaria realmente a ouvir um leve chocalhar de ossos, como se o esqueleto se tivesse movido um pouco? Kane encolheu os ombros; as ratazanas até ossos poeirentos tentariam roer.

O estalajadeiro ria de novo. Rodeou Kane, mantendo sempre o inglês na mira da pistola, e com a mão livre abriu a porta. Dentro, tudo era negrume, de tal modo que Kane nem era capaz de entrever os ossos no chão.

— Todos os homens são meus inimigos! — murmurou o estalajadeiro, ao modo incoerente dos loucos. — Porque havia de poupar a vida a algum? Quem ergueu uma mão em meu auxílio durante os anos que permaneci nas vis masmorras de Karlsruhe, e por um acto nunca provado? Algo aconteceu então ao meu cérebro. Tornei-me como um lobo, irmão desses da Floresta Negra, onde me escondi quando fugi.

“Regalaram-se, os meus irmãos, com a carne de todos os que pernoitaram na minha estalagem, todos excepto este que agora chocalha os seus ossos, este mago da Rússia. Para que ele não regresse pelas sombras negras a fim de me dar caça quando a noite está sobre o mundo, e me mate, pois quem pode assassinar os mortos?... Limpei de carne os seus ossos e acorrentei-o. Os seus feitiços não foram suficientemente poderosos para salvá-lo de mim, mas todos os homens sabem que um mago morto é mais maligno do que um mago vivo. Não vos moveis, inglês! Deixarei os vossos ossos neste quarto secreto, ao lado destes, a fim de...”

O louco estava agora parcialmente dentro do aposento secreto, com a arma ainda a ameaçar Kane. De súbito, pareceu cair para trás e desapareceu na escuridão; e no mesmo instante uma caprichosa rajada de vento varreu o corredor exterior e fechou com estrondo a porta atrás dele. A vela na parede estremeceu e apagou-se. Às apalpadelas, as mãos de Kane percorreram o chão, encontraram uma pistola, e ele ergueu-se, de frente para a porta por onde o louco desaparecera. Estava na mais profunda escuridão, com o sangue congelado nas veias, enquanto terríveis gritos abafados vinham do quarto secreto, entrecortados



pelo chocalhar seco e macabro de ossos sem carne. Então, caiu o silêncio.

Kane encontrou pederneira e fuzil e acendeu a vela. Depois, segurando-a numa mão e a pistola na outra, abriu a porta secreta.

— Deus do céu! — murmurou enquanto no seu corpo se formava um suor frio. — Esta coisa está para além de toda a razão, e no entanto é com os meus próprios olhos que a vejo! Dois votos foram aqui cumpridos, pois Gaston, o Carniceiro, jurou que mesmo na morte vingaria o seu assassinio, e foi sua a mão que libertou este monstro sem carne. E ele...

O dono do Crânio Fendido jazia sem vida no chão do quarto secreto, o seu animalesco rosto coberto com as marcas de um terrível pavor; e profundamente cravados no seu pescoço partido estavam os dedos sem carne do esqueleto do feiticeiro.





A
Lua de
CAVEIRAS





CAPÍTULO I

UM HOMEM À PROCURA

UMA GRANDE SOMBRA NEGRA espalhou-se pela região, ofuscando a chama vermelha do pôr-do-sol. Para o homem que se afadigava pelos trilhos da selva erguia-se como um símbolo de morte e terror, uma ameaça, perturbadora e terrível, como a sombra de um assassino oculto que saltava de uma parede alumiada por uma candeia.

Contudo, era apenas a sombra do grande penhasco que se erguia à sua frente, o posto avançado dos sopés sinistros que eram o seu objectivo. Parou durante um momento, a olhar para cima onde se elevava em negrume contra o sol mortiço. Podia jurar ter visto a insinuação de um movimento no topo, enquanto olhava fixamente, a mão a escudar os olhos, mas a claridade que se abatia ofuscava-o e não podia ter certeza. Seria um homem a tentar esconder-se? Um homem ou...?

Encolheu os ombros e aninhou-se para examinar o trilho acidentado que conduzia ao cume do penhasco. À primeira vista, parecia que só uma cabra montanhosa o podia escalar, mas uma pesquisa mais cuidadosa mostrava inúmeros apoios para os dedos, perfurados na rocha sólida. Teria que colocar as suas forças à prova até ao extremo mas não tinha viajado mil milhas para agora voltar para trás.

Largou a grande sacola que levava ao ombro e pousou o toco arcabuz, guardando apenas o florete comprido, a adaga e uma das suas pistolas, que prendeu a tiracolo por trás, e sem olhar para o trilho escuro por onde viera, iniciou a longa escalada.

Era um homem alto, braços longos e musculados, mas mesmo assim era obrigado a parar a subida, de vez em quando, para descansar por uns instantes, agarrado como uma formiga à face íngreme do penhasco. A noite caiu rapidamente e o rochedo



acima dele era um borrão sombrio no qual foi forçado a tactear como a uma esposa, cegamente, pelos buracos que lhe serviam como uma precária escada.

Abaixo dele, irrompiam os ruídos nocturnos da selva tropical, embora lhe parecesse que até mesmo esses sons eram vencidos e silenciados como se as grandes colinas negras que aqui assomavam lançassem um feitiço de silêncio e medo também sobre as criaturas da selva.

Lutou para continuar a subir e agora, para tornar o seu caminho muito mais duro, o penhasco inchava para fora perto do cume e a tensão nervosa e muscular tornava-se cruciante. Escorregou várias vezes escapando da queda por um fio de cabelo. Mas todas as fibras do seu corpo, duro e magro, estavam perfeitamente coordenadas e os seus dedos eram como garras de aço a apertarem como um torno. O seu progresso tornou-se cada vez mais lento, mas continuou, até que por fim avistou o cume do penhasco que dividia as estrelas a uns escassos vinte pés acima de si.

E enquanto olhava, um volume vago entrou no seu campo de visão, caiu da extremidade e arremessou-se na sua direcção com uma grande torrente de ar à sua volta. Arrepiado, ele aplanou-se contra a face do penhasco e sentiu um sopro forte no seu ombro. Apenas um sopro fulgurante. Mas mesmo assim quase o arrancou do penhasco e, enquanto lutava desesperadamente para se endireitar, ouviu um estrondo reverberante entre as pedras abaixo. A sua testa estava cheia de gotas de suor. Olhou para cima. Quem — ou o quê — tinha empurrado aquele pedregulho pela borda do penhasco? Ele era corajoso, como os ossos em muitos campos de batalha podiam testemunhar, mas o pensamento de morrer como uma ovelha, desamparado e sem nenhuma hipótese de resistência, enregelou-lhe o sangue.

Em seguida, uma onda de fúria suplantou-lhe o medo e ele recomeçou a subir com uma velocidade descuidada. Porém, o esperado segundo pedregulho não veio, e nenhum ser vivo cruzou a sua visão enquanto trepava até à extremidade e saltava



para a parte plana, a espada flamejante saindo como um raio da sua bainha.

Ele estava em cima de uma espécie de planalto que escarnejava de um país cortado por montanhas uma meia milha para oeste. O rochedo que ainda há pouco tinha escalado sobressaía das alturas como um promontório taciturno, que se elevava acima do mar de ramos ondulantes abaixo, agora escuro e misterioso na noite tropical.

O silêncio regia aquele local em absoluta soberania. Nenhuma brisa agitava as profundidades sombrias e nenhum passo sussurrava entre os arbustos raquíticos que cobriam o planalto, contudo aquele pedregulho que quase tinha atirado o alpinista para a morte não tinha caído por acaso. Que seres se moviam entre estas colinas severas? A escuridão tropical caiu sobre o viajante solitário como um véu pesado através do qual as estrelas amarelas brilhavam maldosamente. Os vapores da vegetação podre da selva flutuavam até ele tão tangíveis como uma névoa densa, e fazendo má cara saiu dali com passos largos, avançando intrepidamente pelo planalto, espada numa mão e pistola na outra.

Tinha a sensação incômoda de estar a ser vigiado. O silêncio permanecia inamovível à exceção do assobiar macio que marcava os passos felinos do estranho pela erva alta do planalto, no entanto, o homem sentia que coisas vivas deslizavam à frente e atrás de si e dos dois lados. Se homem ou predador o seguiam não sabia, nem queria saber, pois estava preparado para lutar com humanos ou demônios que se atravessassem no seu caminho.

Parava ocasionalmente e olhava provocadoramente à sua volta, mas nada viu excepto os arbustos que se abaixavam como pequenos fantasmas na escuridão à volta do trilho por onde passava, misturados e manchados pela quente escuridão densa, pela qual as mesmas estrelas pareciam lutar, sangrentamente.

Finalmente, foi parar ao lugar onde o planalto se dividia em declives mais altos e viu uma aglomeração de árvores fechadas solidamente nas sombras inferiores. Aproximou-se cautelosamente, depois parou quando o seu olhar, já acostumado à es-



curidão, distinguiu uma forma vaga entre os troncos sombrios que não era uma parte deles. Hesitou. A figura nem avançou nem fugiu. Uma forma escura de ameaça silenciosa espreitou como se estivesse à espera. Um terror perturbador pairou sobre o grupo de árvores silenciosas.

O estranho avançou cautelosamente, lâmina estendida. Mais perto. Forçava os seus olhos para captar alguma insinuação de movimento ameaçador. Ele determinou que a figura era humana, mas estava confuso pela sua falta de movimento. Então a razão tornou-se aparente — era o cadáver de um homem negro que estava entre as árvores, em pé por causa de lanças que atravessavam o seu corpo, pregando-o aos troncos. Um braço estava estendido à sua frente, seguro a um ramo por uma adaga através do pulso, o dedo indicador hirto como se o cadáver apontasse estranhamente para o caminho por onde o estranho tinha vindo. O significado era óbvio; aquele poste de sinalização mudo e severo só podia ter um significado — a morte jaz do outro lado. O homem que estava de pé a olhar para aquele aviso medonho raramente sorria, mas naquele momento permitiu-se o luxo de um sorriso sardónico. Mil milhas de terra e mar — viagens pelo oceano e selva — e agora esperavam, quem quer que fossem, que ele se fosse embora com tal chocarrice. Resistiu à tentação de saudar o cadáver, uma acção de falta de decoro, e continuou corajosamente pelo arvoredado, meio à espera de um ataque por trás ou de uma emboscada. Porém, nada do género aconteceu e, emergindo das árvores, deu por si junto a uma inclinação rude, a primeira de uma série de declives. Ele avançou com passos largos, nem parando para reflectir no quão estranho pareceriam as suas acções a um homem sensato. Um homem comum teria acampado junto ao rochedo e esperado pela manhã antes de tentar escalar o penhasco. Mas este não era um homem comum. Assim que o seu objectivo estava à vista, seguia a linha mais directa, sem pensar nos obstáculos, nem se era dia ou noite. O que era para ser feito, tinha que ser feito. Tinha alcançado os postos avançados do reino do medo ao entardecer e invadir



os seus recessos íntimos de noite parecia ser óbvio.

A Lua surgiu enquanto subia os declives cheios de rochedos, emprestando o seu ar de ilusão e, na sua luz, as colinas rasgadas à frente elevavam-se como os pináculos pretos dos castelos dos feiticeiros. Manteve os olhos fixos no rastro escuro que seguia, porque não sabia quando outro pedregulho podia vir pela inclinação abaixo. Esperava um ataque de qualquer tipo e, naturalmente, foi o inesperado o que realmente aconteceu.

Repentinamente, por detrás de uma grande pedra, apareceu um homem, um gigante de ébano no luar pálido, uma longa lâmina de lança cintilando prateada na sua mão, o capacete de plumas de avestruz flutuando como uma nuvem branca. Ergueu a lança numa saudação ponderosa e falou no dialecto das tribos do rio: — Esta não é a terra do homem branco. Quem é o meu irmão branco na sua própria cabana e porque vem ele à Terra das Caveiras?

— O meu nome é Salomão Kane — respondeu o homem branco no mesmo idioma. — Procuo a rainha vampiro de Negari.

— Poucos a procuram. Menos a encontram. Nenhum regressa — respondeu o outro cripticamente.

— Conduzir-me-á até ela?

— Segura uma adaga comprida na mão direita. Não há leões aqui.

— Uma serpente desalojou um pedregulho. Pensei que ia encontrar cobras nos arbustos.

O gigante registou esta troca de subtilezas com um sorriso severo e um breve silêncio caiu.

— A sua vida, — disse o homem negro, — está na minha mão.

Kane sorriu levemente. — Eu carrego as vidas de muitos guerreiros na minha mão.

O olhar do negro circulou duvidosamente para cima e para baixo pelo comprimento brilhante da espada do inglês. Então encolheu os ombros poderosos e deixou a ponta da sua lança afundar-se na terra.



— O senhor não traz nenhum presente, — disse — mas siga-me e conduzi-lo-ei à Terrível, à Amante da Destruição, A Mulher Vermelha, Nakari, que rege a terra de Negari.

Começou a caminhar e fez um gesto a Kane para o preceder, mas o inglês, a sua mente num golpe de lança nas costas, abanou a cabeça.

— Quem sou eu para caminhar à frente do meu irmão? Somos dois chefes... caminhemos lado a lado. — No seu coração Kane sentiu que seria forçado a usar de uma diplomacia fétida com um guerreiro selvagem, mas não indiciou qualquer sinal. O gigante curvou-se com uma certa majestade bárbara e juntos subiram o trilho da colina, sem falar.

Kane estava ciente que homens estavam a pular de esconderijos e os seguiam, e um olhar sub-reptício por cima do ombro mostrou-lhe um grande número de guerreiros que se arrastavam atrás deles em duas linhas em forma de cunha. O luar brilhava nos seus corpos macios e lustrosos, nos adornos de cabeça ondulantes e nas lanças longas e cruéis.

— Os meus irmãos são como leopardos, — disse Kane com cortesia, — deitam-se nos arbustos baixos e ninguém os vê; ocultam-se na erva alta e nenhum homem os ouve aproximar.

O chefe negro reconheceu o elogio com uma inclinação elegante da sua cabeça tipo leão, o que fez as plumas sussurrarem.

— Oh comandante, o leopardo da montanha é nosso irmão. Os nossos pés são como fumo à deriva, mas os nossos braços são como ferro. Quando atacam, o sangue jorra vermelho e os homens morrem.

Kane sentiu um fundo de advertência no tom. Não havia nenhum indício certo de ameaça no qual pudesse fundar as suas suspeitas, mas a sinistra nota estava lá. Não disse mais nada durante um tempo e o bando estranho subia silenciosamente à luz do luar como uma cavalgada de espectros.

O trilho tornou-se mais íngreme e mais rochoso, torcendo-se para dentro e para fora entre rochedos e pedregulhos gigantescos. De repente, uma grande brecha abriu-se à frente



deles, atravessada por uma ponte de pedra natural, ao pé da qual o líder parou.

Kane encarou o abismo curiosamente. Tinha alguns quarenta pés de largo e, olhando para baixo, a sua vista foi engolida por um negrume impenetrável, a centenas de pés de profundidade. No outro lado elevavam-se penhascos negros e proibitivos.

— Aqui, — disse o chefe, — começam as verdadeiras fronteiras do reino de Nakari.

Kane estava atento aos guerreiros que o estavam a rodear casualmente. Os seus dedos apertaram instintivamente o cabo da espada que não tinha embainhado. O ar ficou subitamente carregado com tensão.

— Aqui, também, — disse o chefe guerreiro, — aqueles que não trazem nenhum presente para Nakari... morrem!

A última palavra foi um grito agudo, como se o pensamento tivesse transformado o orador num maníaco, e conforme gritava, o grande braço balançou para trás e para a frente com uma ondulação de músculos poderosos e a lança longa saltou para o peito de Kane.

Só um lutador nato podia ter evitado aquele golpe. A acção instintiva de Kane salvou-lhe a vida; a grande lâmina roçou-lhe nas costelas enquanto se desviava e ele devolveu o golpe com um impulso flamejante que matou um guerreiro que se acotovelava entre ele e o chefe naquele instante.

Lanças flamejaram no luar e Kane, enquanto aparava uma e se aninhava para se proteger de outro golpe, saltou para cima da ponte estreita onde apenas um de cada vez o podia atacar.

Nenhum se preocupou em ser o primeiro. Puseram-se na extremidade e tentavam golpeá-lo, avançavam em conjunto enquanto ele recuava, aleijando-o quando ele os pressionava. As lanças deles eram mais longas que o seu florete mas Kane mais do que igualou a diferença e as fracas perspectivas melhoraram devido à sua brilhante perícia e à ferocidade fria do seu ataque.

Oscilaram de um lado para outro e então, de repente, um gigante saltou de entre os companheiros e carregou pela ponte como um búfalo selvagem, ombros arqueados, lan-



ça segura numa altura baixa, olhos relampejantes que não pareciam completamente são. Kane saltou para trás antes da carga, esforçando-se para não ser atravessado pela lança e encontrar uma aberta para a sua lâmina. Pulou para um lado e encontrou-se a cambalear na orla da ponte com a eternidade a bocejar por baixo de si. Os guerreiros gritaram em exultação selvagem enquanto balançava e lutava para manter o equilíbrio, e o gigante na ponte rugia e mergulhava para o inimigo oscilante.

Kane aparou o golpe com toda a sua força — uma proeza que poucos espadachins poderiam ter realizado em desequilíbrio como ele estava — viu a centelha da lâmina cruel da lança a passar pela sua cara e sentiu-se a cair de costas para o abismo. Num esforço desesperado, agarrou-se ao cabo da lança, endireitou-se e trespassou o guerreiro. A caverna vermelha da boca do gigante jorrou sangue e com um esforço agonizante ele lançou-se cegamente contra o seu inimigo. Kane, com os tacões em cima da extremidade da ponte, não o pôde evitar e tombaram juntos, desaparecendo silenciosamente nas profundezas.

Aconteceu tudo tão rapidamente que os guerreiros ficaram aturdidos. O rugido de triunfo do gigante tinha-se desvanecido dos seus lábios antes dos dois caírem na escuridão. O resto dos nativos veio para a ponte para espreitar para baixo. Mas nenhum som se elevou do vácuo escuro.

CAPÍTULO II

O POVO DA MORTE PERSEGUIDORA

ENQUANTO KANE CAÍA, seguia o seu instinto lutador, torcendo-se em pleno ar de forma a que quando terminasse a queda, fosse dez ou mil pés abaixo, aterrassse em cima do homem que caía com ele.

O fim veio de repente — muito mais de repente do que o inglês pensara. Deitou-se meio atordoado durante um momen-